

Cultura Popular

Anexins em contramão

OSWALDO ELLIAS XIDIEH

*Aos amigos
Claude Lépine, Enzo Dal Carratore,
Jaime Wanderley Gasparotto, Marilis Custódio de Lima Machado,
Marlene Gomes de Carvalho e Vânia Maria Silveira Reis.*

PENSEI MUITO A RESPEITO dos anexins que coletei – ouvindo-os – ao acaso, porém, em momentos que se justificava lembrá-los, por este ou aquele motivo. Era como se a arcaica experiência, o resultado acumulado, secularmente, de tantos ensaios e erros em todo mundo, as caricaturas, os viventes, o sagrado viessem à tona como resposta imediata a problemas ou situações já balanceados, já reduzidos a fórmulas sábias, delimitadoras e definidoras. É como registra Alfredo Bosi (1): “Distinguem-se nos ditos sapienciais do povo, pelo menos duas vertentes: a *prudencial* e a *providencial*.”

É exatamente esse *pelo menos* que me intrigou e me levou a demorar a elaboração de um ensaio. Reforçou-se essa minha decisão quando, em seguida, nas páginas 24 e 25, seqüências do mesmo capítulo consignassem “aquele reino de incertos sucessos que desde tempos imemoriais se *confia* aos desígnios da divindade! Seria mais exato dizer: se *atribui* em lugar de se *confia*? Na segunda linha da página 25 consigna-se: “o arbítrio dos poderosos” como fator de acomodações.

Parece-me que aí, tanto naquilo que se atribui (*confia*) aos desígnios da divindade ou ao *arbítrio dos poderosos*, se ocultou uma outra vertente ou fonte social de muitos anexins, principalmente os que significam sujeição, subordinação e resignação. Mais à frente, depois de assinalar o rol dos ditados *ouvidos* e registrados e *nem sempre* repetidos, trataremos desse por menor.

Esses anexins, ditados e recomendações estão aqui dispostos aleatoriamente; alguém, tendo a devida paciência, poderá classificá-los e dar-lhes nova ordem:

Deus ou a providência

- 1 Deus tarda, mas não falha.
- 2 De hora em hora Deus melhora.
- 3 Deus escreve certo por linhas tortas.
- 4 O amanhã a Deus pertence.
- 5 Deus dá o frio conforme o cobertor.
- 6 O homem põe e Deus dispõe.
- 7 Para tanto mal sem quantia, Deus dá um jeito cada dia.
- 8 Deus ajuda a quem se ajuda.
- 9 Deus empurra com a mão esquerda e segura com a mão direita.
- 10 Quem em Deus se ampara, amparado está.
- 11 Deus não fez vivente que não fosse de sua vontade.
- 12 Deus não desampara a quem n'Ele se ampara.
- 13 Que Deus esteja em sua alegria para que Ele o assista em seu sofrimento.
- 14 Com Deus na frente os caminhos se abrem.
- 15 Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga.
- 16 Confie seu coração em Deus. Ele não engana.
- 17 A voz do povo é a voz de Deus.
- 18 Por amor Deus machuca e dá cura.
- 19 Só Deus é quem nos livra d'olho gordo e da mão comprida.
- 20 Deus é pai, não é padrasto.

Família, filhos, parentes

- 1 Quem é caça, puxa a raça.
- 2 Filho de peixe, peixinho é.
- 3 É de pequenino que se torce o pepino.
- 4 Filho enfeitado, xibungo criado. *
- 5 Filho paparicado, tarado formado.
- 6 A quem filhos não têm, sobrinhos lhe vêm.

- 7 Quem dorme com criança amanhece cagado.
- 8 Casamento e mortalha no céu se talha.
- 9 Em briga de marido e mulher não se bota a colher.
- 10 Com mulher de bigode, nem o diabo pode.
- 11 Se mulher canta de galo, o marido sai pelo ralo. *
- 12 O marido é sempre o último a saber.
- 13 Há vícios que acontecem nas melhores famílias.
- 14 Marido não é parente.
- 15 Parentes são os dentes.
- 16 Com mulher de pelo na venta, o diabo não agüenta.
- 17 Nem os dedos são irmãos.
- 18 Casa onde não tem pão, todos brigam e ninguém tem razão.
- 19 Mais vale um bom vizinho do que todos parentes, sozinho.

Dinheiro, herança

- 1 Com dinheiro não se brinca.
- 2 Dinheiro não tem dono.
- 3 O diabo aceita qualquer aposta, por dinheiro não.
- 4 Dinheiro é como o vento, vem, estraga e passa.
- 5 Avô enricado, filho gastão, neto endinheirado.
- 6 Avô proprietário, filho funcionário, neto endividado.
- 7 Avô rico, filho remediado, neto empenhado.
- 8 Hoje herança, amanhã lembrança. *
- 9 Quem deixa herança, planta desavença.
- 10 Pobre ou rico, esterco do chão e lixo.
- 11 Quem tudo quer, tudo perde.
- 12 Quem poupa um tostão fermenta o milhão.
- 13 Quanto mais rico, mais ridico.
- 14 Dinheiro abre todas as portas.

- 15 Dinheiro não traz felicidade.
- 16 Quanto mais ganha, mais quer.
- 17 Dinheiro não garante mais do que sete palmos de fundura.
- 18 Dinheiro invenção do demo.
- 19 Dinheiro tem duas caras: uma promete o céu, a outra leva ao inferno.*
- 20 A gente sabe bem o que acontece: o dinheiro cresce e o usuário apodrece.*
- 21 O rico ri à toa.
- 22 De grão em grão, a galinha enche o papo.

A gente e o tempo

- 1 Não há como um dia depois do outro.
- 2 Dia virá quem o bem lhe fará.
- 3 Não se deixa para amanhã o que se pode fazer hoje.
- 4 O tempo tudo cura.
- 5 Ter pressa não apressa o tempo e atrasa as coisas.
- 6 O tempo não volta atrás.
- 7 Não há bem que sempre dure nem mal que não se cure.
- 8 O futuro a Deus pertence.
- 9 O tempo voa.
- 10 Não se espera o tempo passar.
- 11 O homem previdente prepara seu futuro
- 12 Tudo feito direitinho ainda sobra descansinho.
- 13 Coisas feitas com cuidado valem por tempo dobrado.
- 14 Quem quer vai, quem não quer manda.
- 15 A natureza faz a criança, o moço e o velho. O tempo faz de todos o bagaço.*
- 16 Quem espera sempre alcança.
- 17 Há males que vem para o bem.
- 18 O que passou, passou e não se chora o leite derramado.*
- 19 O tempo foge.

- 20 O que passou passou, ninguém volta atrás.
- 21 Está tudo como antes no quartel do Abrantes.*
- 22 De pensar, morreu um burro.
- 23 O olho do dono engorda a criação.
- 24 Quem passa é você e não o tempo.

A natureza e o tempo

- 1 Céu pedrento, chuva ou vento.
- 2 Céu amarelado, granizo formado.
- 3 Estrela brilhante, lavada, geada anunciada.
- 4 Cornos da lua para cima, seca prolongada.
- 5 Cornos da lua inclinados, promessa de chuva.
- 6 Lua coroada, chuvarada.
- 7 Só se poda no minguante.
- 8 Só se planta na nova.
- 9 Só se refaz a *limpa* no crescente (plantios ruins).
- 10 Só se prepara a terra – tombar – no minguante de setembro.
- 11 Faz-se a colheita no minguante.
- 12 Se não chove até São José (19 de março), reúna a família, arrume a trouxa e casque no pé.
- 13 São José prepara o milho pra bandeira de São João.
- 14 Depois de São João, laranja não é bom.
- 15 Santa Luzia a plantação de arroz vigia.
- 16 Planta-se fumo em véspera de finados.
- 17 Planta-se alho na Quinta-Feira Santa.
- 18 Na Sexta-Feira Maior, planta-se alguma erva virtuosa, cavando-se a terra com uma lasca de pau.
- 19 Fora de São José, milho vira tigüera.
- 20 Da lua coroada; círculo perto, chuva longe; círculo longe, chuva perto.
- 21 Nuvem rabo de galo, chuva de manga, chuveiro ralo.

- 22 O vento da Bocaina ao mar leva a faina.
- 23 O vento norte traz chuva e vento bom.
- 24 O vento noroeste é vento bravo, traz seca, seca as plantas.
- 25 O vento sul acompanha o frio, seca a terra.
- 26 Sol e chuva, casamento de viúva.
- 27 Casamento com sol e chuva é noiva que come na panela.

Aparências, livre-arbítrio e tipos marcados

- 1 Quem vê cara não vê coração.
- 2 Cara não tem miséria.
- 3 Por fora bela viola; por dentro, pão bolorento.
- 4 Na boca louvação, no pensamento, traição.
- 5 Muito riso, pouco siso.
- 6 Muitas vezes, o que a beleza tem na cara esconde a feiura que traz na alma e por detrás da feiura da cara a feiura esconde virtude rara.
- 7 Na frente, ostentação; atrás, privação.
- 8 Come couve, arrotta peru.
- 9 Olho maior que o estômago.
- 10 Muita pretensão, pouca condição.
- 11 Água benta e pretensão cada um toma o que quer.
- 12 Quem pode, pode; quem não pode, puxa o rabo do bode e sacode.
- 13 Cada um se enterra como quer.
- 14 Pros burros só mesmo a carroça.
- 15 Morte do burro, alegria do urubu.
- 16 Uns gostam dos olhos, outros, da ramela.
- 17 Papagaio come milho, periquito leva a fama.
- 18 Burro perde o pelo, mas não perde a barda (balda).
- 19 A cabra sempre volta ao monte.
- 20 Promessa de bêbado se escreve no vento.

- 21 Cabeça de bebum, caldeirão do diabo.
- 22 A corda se arrebenta do lado do mais fraco.
- 23 Há os que olham com os olhos e lambem com a testa.
- 24 É como a Maria que vai com as outras.
- 25 Onde vai a corda vai a caçamba.
- 26 Não se despe um santo para vestir outro.
- 27 Gente que só faz gentileza com chapéu alheio.
- 28 Esmola demais, santo desconfia.
- 29 Cuide que não lhe tomem a mão se você dá um dedo.
- 30 Quem muito se agacha mais se arrelaxa.
- 31 Quem mais se agacha mais mostra a curcussa.
- 32 Quem não tem competência não se estabelece.
- 33 Casa de ferreiro, espeto de pau.
- 34 O diabo tanto acariciou o filho que acabou por furar-lhe os olhos.
- 35 O piolho, por mais que se enfeita, nunca se ajeita.
- 36 Em qualquer sociedade, alguém sai pela culatra.

Outras

- 1 A verdade não mora no fundo do poço.
- 2 Mentira tem pernas curtas.
- 3 Galo onde canta, janta.
- 4 Barbado só camarão.
- 5 Quem muito escolhe, o pior recolhe.
- 6 Quem conta um conto aumenta um ponto.
- 7 Quem foge de medo, pisa no dedo.
- 8 Quanto maior a altura, maior o tombo.
- 9 A galinha do vizinho bota ovo amarelinho.
- 10 Com fogo não se brinca.
- 11 Onde come um comem dois.

- 12 Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz. **
13 O que é uma feridinha a mais prum lazarento? *
14 Isso é na casa do Góis, não tem nada com nois. **
15 Onde tem fumaça tem fogo.
16 Quando galo canta fora de hora, é mulher roubada que vai dando o
fora. *
17 A necessidade é a mãe da novidade. *
18 Há males que vêm para bem e despacham a gente pra cucuia!

Discriminação social e seleção nos jogos e no trabalho

- 1 Lé com lé, cré com cré.
Uma sandália em cada pé.
Cada macaco no seu galho
Não se misturam alho e bugalho. **

- 2 Garfo com garfo
Colher com colher
Homem com homem
Mulher com mulher

- 3 Fumaça pra lá e santinho pra cá!

- 4 Em festa de nhambu
Jacu não vai.

- 5 Em festa de nhambu, jacu não pia.

Os anexins marcados com um asterisco eu os ouvi uma só vez; com dois asteriscos foram ouvidos em casas de portugueses. Relacionei apenas os que foram por mim anotados; dessa maneira, esvasiei mais uma pasta e

agora, creio, não estarão perdidos. Onde eu os coligi? Em andanças por São Paulo, Paraíba, Bahia e Ceará, a partir de 1940. Não juntei os que me pareceram repetitivos, pouco significativos ou truncados. Do meu rol, é claro, mas não os pus no lixo. Serão revistos se necessário.

Isto posto, continuemos a tarefa. Antes, observo que se fosse anotar esse mundo de anexins daquém e de além mar, nem sonhar!

O que eu penso, digo e reafirmo é que acima de tudo estão as injunções exercidas sobre o social pelos grupos ocasionalmente de dominação, sujeição, obrigando níveis sociais inteiros a interiorizar dependências etc. Esses grupos de dominação subsistem. Eventualmente, podem ter sido os religiosos, os políticos, a moda etc. E ainda são agora, mormente, como sempre os econômicos. Como continuar? A saída é voltar ao campo da pesquisa com gente mesmo, gente que lida com coisas e é combatida pela vida! Imaginem, eu pensava em até rever a contribuição de François Villon para detectar os antianexins! Não seria mais importante averiguar o que a respeito pode estar ocorrendo no Brasil ?

Há tempos, considerando não apenas os anexins que coletei, mas, também, o que li em obras importantes como *Frases feitas*, de João Ribeiro, o falar caipira de Amadeu Amaral e Leonardo Mota em seu alongado e recomposto *Adagiário brasileiro*. Como citar tudo aquilo que encontrei em almanaques de laboratórios ou li em porcelanas ou parachoques de caminhões? Ah! antes que me esqueça, lá na rua Frederico Steidel, no Instituto de Estudos Portugueses, em 1957, com Segismundo Spina, conheci a obra de Teófilo Braga: *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Enfim, tudo me ajudou, inclusive recordações do ginásio, das aulas de latim! Havia as fábulas, quase todas a enunciar-se com um *suspendimento*, dizíamos nós os alunos dessa introdução flutuante entre um anexim ou um conceito edificante. Lá vinha, por exemplo, na fábula “O corvo, o queijo e a raposa”, um aviso para não se cair na trama de um papo falso e maroto: *Qui se laudare gaudet subdolis verbis dat poenas turpes poenitentia*. Ou então, padre Epifânio a nos alertar contra a tendência de nos metermos em assuntos acima dos nossos conhecimentos. Não vá o sapateiro além dos borseguins!

Agora, lembrei-me de Susano, onde fui lidar com operários, motoristas, guardas e todo esse mundo simples de meu Deus, há muitos anos atrás, porque até eu tive a certeza de entender o que antes era apensa suspeita.

Respiremos fundo, agora que eu tenho coisas novas para contar. Aconteceu que naqueles dias de 1957 mudei o cenário das minhas pesquisas para

uma área, ainda popular, porém proletária, industrializada e urbanizada: foi a de seguir a corrente das opiniões públicas junto aos bares, tascas e grupelhos popularescos de Susano, subúrbio na EFCB (2) lugar que hoje está incorporado à Grande São Paulo. O meu futuro cunhado, Hércules Montagna, tinha amigos e conhecimentos lá. Serviu-me como ponto de partida e de referência para freqüentar baiúcas de todos os tipos e níveis, inclusive trabalhar num bar. Conseqüência: fui sendo identificado como sujeito estabonado nem melhor nem pior do que os outros, apenas um *outro*. O grande encontro: convidaram-me para dar um passeio domingueiro por todas as espeluncas susanenses do qual, com um estoque completo de *São Sebastião* e *São Francisco*, duas famosas e ordinárias pingas do João Machado no bestunto, fui carregado pra casa de onde acordei numa terça-feira rodeado pelos amigos que já me viam desencarnado. Amigos? Sim estes, não sei se todos, porém lembro-me destes: Gustão, isto é Augusto Mari, e os irmãos, o “Matarazzo” e o “Boy”, o Gavinha, isto é, o Sebastião Gava, o Lila, o Tadache, o Zé Português, o Cláudio Moreno, o Cabeção...

Enfim, estabeleceu-se desde esse momento uma amizade imensa que somente o tempo, a distância e o envelhecimento foi corroendo e lançando pra sombra. Descobriram que eu era igual a eles! Houve coisa melhor?

Vai daí que um dia o Gustão não agüentou e berrou: “Que é que você está fazendo aqui? Por que está aqui no meio da gente? Você é um desses comunistas arrelentos que falam, falam e embrulham a gente? Se for, pode ir dando o fora pra Mogi das Cruzes, vá pro diabo que o carregue, pra puta que o pariu!”

Respondi-lhe: “Olhe, Gustão, eu sou um professor que verifica o que o povo pensa disto e daquilo. Nestas ocasiões de folga e férias eu faço o que se chama de pesquisa para ajudar a matéria que eu leciono. Agora só quero saber de anexins, ou seja, ditados populares tradicionais ou modernos que circulam pelo Brasil. Que são essas coisas? Julgamento final sobre tudo que está ligado à vida, ao trabalho, à saúde, ao amor também, à morte, ao tempo.

Você me pergunta se tenho alguns ditados registrados. Tenho muitos, quer ver? Vou mostrar com a condição de você dizer o que pensa deles, tá? Então vamos. Vá lendo, quando a coisa estiver errada, acuse !

Augusto Mari foi lendo. Leu tudo e após alguns minutos desandou e derrubou pauleira:

– *“Onde já se viu coisa mais burra misturada com coisas verdadeiras conhecidas até de minha avó! Você vê que de um lado pode ter influência da vida e de Deus e do outro o papo puro de quem manda na vida, no dinheiro e na*

gente. Um outro deus foi fabricado pelos poderosos. Não dizem até que esse deus gosta de ‘anjinhos’? Pois é de criancinhas que morrem de fome e caganeira?

– Ói, veja só quanta mentira: onde come um comem dois, até três, e eu digo: todos morrem de fome de uma vez! Outra: deus dá o cobertor conforme o frio: já sei, pra quem dorme na rua, umas folhas do Estadão ou meia garrafa de giribita! E este, então: mais vale quem deus ajuda do que quem cedo madruga. Ora, vai-te cascudo! Mais vale quem tem quem informa. Achei o pior de todos: a voz do povo é a voz de Deus. Pode ser a voz daquele deus de araque para engabelar o povo. E pra terminar este último ditado: onde tem fogo, tem fumaça, e eu pergunto: não será catinga de cachaça? Mais vale quem tem quem informa do que quem de madrugada se embroma e se conforma! E você é testemunha disso!”

– “Eu, como?”

– “Descobrimos que o Dr. Euclides Tioffi é seu parente e é médico na empresa onde meu irmão é motorista e precisava de um apoio para manter o emprego. Lembre-se, a nosso pedido você falou com seu primo e ele mexeu os pauzinhos e então meu irmão, o ‘Matarazo’ foi conservado no cargo e ninguém pode negar essa verdade! Pois é, mais vale quem tem alguém que ‘informa’ que quem fica até de madrugada com bobageira e se ‘conforma’.”

Agora, de qualquer maneira, o encontro de Susano ajudou-me a completar o elenco dos fatores dos anexins sociais: a experiência do homem em seus ensaios e erros com a vida, a sociedade e o mundo; a admissão de um *sagrado* que explica, regula e acomoda os “buracos negros” dessa eterna contenda vida-homem e, por último, o outro *deus*, intermitentemente gerado pelos poderosos e grupos de dominação à sua imagem e semelhança, lançado sobre o *outro*, garantindo aos senhores sua existência e perpetuação.

E o *outro*? Ele se dana, uai! E o que aconteceu comigo? Eu me vi de repente transformado numa espécie de Exu recadeiro desde que fui o testemunho do caso do motorista “Matarazo”.

E o que pensar a respeito do outro deus? Ele existe! Visualize as figuras cômico-dramáticas dos deputados, senadores, prefeitos, vereadores, industriais, donos de empresas e terras, políticos e religiosos de todos os tipos e denominações, senhores e senhoras da propaganda sortida e variada – todas essas bocas estão falando, convencendo, traindo, abestalhando, domando, anestesiando consciências, policiando, castigando e levam o povo à resignação, a interiorizar temores vários. Tudo bem de acordo com um velho anexim: *água mole em pedra dura tanto bate até que fura!* Eles criaram esse “deus que de hora em hora melhora” (de quando em quando

gospe uns caraminguás no ordenado de alguns), esse deus que está na voz do povo (mas que pode ser da nhaca ou do zebedeu), esse deus que dá o frio conforme o cobertor, e assim discrimina: os desgraçados, que por tradição já não têm fome nem doenças, também não sentem lá um frio igual ao dos eleitos! Aliás, o que seria destes senhores todos sem os que apodrecem a seus pés e adubam sua existência!

Outras coisas mais aconteceram, mas foi pensando nessa linha do Gustão, registrada há tantos anos atrás que consegui entender o texto do Alfredo Bosi, tão mais novo, tão mais recente.

E agora, meus amigos, que citei na dedicatória deste artigo, vocês estão em condições de concluir o porquê do enforcamento de François Villon?

Notas

1 BOSI, Alfredo. *Céu, inferno*. Ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo, Ática, 1988, p.23.

2 Estrada de Ferro Central do Brasil.

Oswaldo Elias Xidieh é professor-aposentado da Universidade Estadual de São Paulo (Unesp) e autor de *Narrativas populares* e *Semana santa cabocla*.